



AS REPRESENTAÇÕES DA SOCIEDADE DE CONTROLE PRESENTES NA OBRA 1984 DE GEORGE ORWELL.

PORTO, Thaís Mendes.¹
PRADO, Gustavo dos Santos²

RESUMO

Pretende-se, nesse trabalho, abordar fragmentos da Obra de George Orwell “1984” à luz dos conceitos propostos por Gilles Deleuze – sociedade de controle e o de “polifonia literária” advindo de Mikhail Mikhailovich Bakhtin. Para tanto, será utilizado trechos do livro, analisado através de uma revisão da literatura que contempla os autores citados.

PALAVRAS-CHAVE: Livro 1984; Sociedade de controle; encarceramento; relação dialógica.

1. INTRODUÇÃO

Para trabalharmos com o conceito de sociedade de controle, é preciso ter em mente o que é sociedade disciplinar, pois para os estudiosos do tema, com a mudança no modelo de sociedade, quando passamos da modernidade para a contemporaneidade, isso envolve mudanças na forma como se organizam as relações de poder. Foucault via a sociedade como disciplinar, mas Deleuze já na década de 1990, identificava um modelo de sociedade de controle. Hoje, encontramos-nos num momento de transição entre um modelo e outro. Estamos saindo de uma forma de encarceramento completo para uma espécie de controle aberto e contínuo.

Com isso o presente trabalho tem como objetivo analisar sucintamente, com base em aspectos da obra 1984 de George Orwell, as representações² que um controle de um regime, poder ou governo pode exercer sobre a sociedade.

Sobre o livro 1984

A história se passa numa Inglaterra imaginária de Orwell, por volta do ano de 1984, essa localidade faz parte da Oceania, um dos três superestados do mundo da obra. Chamada assim por possuir território em todos os oceanos, esta Oceania vive sob o julgo totalitário do Partido *Ingsoc*, que tem como imagem maior o Grande Irmão, um rosto vigilante, mas que cuja existência real é desconhecida.

A obra narra a história de Winston Smith, funcionário do Ministério da Verdade e membro do Partido Externo. Dentro do Ministério da Verdade, a função de Winston é reescrever e alterar dados de registros passados, como jornais ou livros, sempre com o intuito de elevar a força e a credibilidade do Partido e do Grande Irmão. Existem quatro Grandes Ministérios: o Ministério da Verdade, responsável pela forja do passado e alterações, da manutenção da “verdade” de acordo com a conveniência do Partido; o Ministério da Paz, responsável pela guerra, o Ministério do Amor, responsável pelas torturas e lavagens cerebrais naqueles que cometiam a crimideia (crime de pensamento) e o Ministério da Fatura, que se encarregava do racionamento dos alimentícios.

O problema aparece quando Winston começa a questionar os atos do Partido e a maneira como ele se impõe, e a veracidade do Grande Irmão. Ele vai percebendo que as coisas provavelmente não foram sempre daquele jeito, e nem precisavam ser, assim, Winston inicia seu caminho na direção de criminoso de pensamento, pois, em seu íntimo, começa a contrariar o ideário do *Ingsoc*. Com a manipulação dos registros, as provas são nada além da memória, mas mesmo ela é controlada pelo Partido através do *duplipensar*. O *duplipensar* é um instrumento de alienação, já que, através dele, “recorda-se” da “nova verdade”, e se esquece da velha. Não é simplesmente crer que a “nova verdade” forjada é real, mas saber disso. Em verdade, é preciso *duplipensar* para *duplipensar*, esquecendo que se manipulou a realidade. Em outras palavras, esquecer que “mentiu” e acreditar nessa mentira, sabendo que é verdade e transformando-a em verdade, portanto. Os próprios nomes dos Ministérios já são um exercício de *duplipensar*.

Toda a vigia dos cidadãos é feita através das *teletelas*; elas permitem que o alto comando do Partido vigie seus seguidores e controle-os: seus horários, suas ações, sua vida. Winston tenta sempre esconder seu íntimo das teletelas, para que não seja tomado pela Polícia do Pensamento, responsável por deter a crimideia. O Partido não tem leis, mas aquele que pensa diferente é perigoso e deve ser eliminado. Esses que contrariavam as ideias eram capturados e

¹ Acadêmica do Curso de Direito – Faculdade Assis Gurgacz. Acadêmica vinculada ao Grupo de Estudos sobre Globalização e Crise do Estado (GECE), liderado pelos professores da FAG – Dom Bosco Lucas Paulo Orlando de Oliveira e Ms. Gustavo dos Santos Prado.

² Docente da Faculdade Assis Gurgacz.

³ As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990, p. 17)

acabavam por ser vaporizados. Simplesmente desapareciam do mundo, dos registros e da memória, tornando-se um alguém que jamais existiu.

A história segue narrando a luta de Winston contra os limitantes do Partido, ele se identifica com a Fraternidade, que consiste em, teoricamente, revolucionários sob a liderança de uma personalidade odiada: Emmanuel Goldstein, que é o oposto do Grande Irmão, sendo sua existência também não comprovada. A Fraternidade, contudo, não é uma organização, a Fraternidade, como Winston descobre mais tarde, é uma ideia, e por isso que perdura, se fosse uma organização, haveria de corromper-se também.

Ou seja, em resumo, trata-se de um poder que manipulava a sociedade para acreditar em tudo que eles admitiam como verdade conveniente a eles.

A abordagem em relação a sociedade de controle

Segundo Deleuze(1990), existe uma distinção entre sociedade disciplinar e sociedade de controle. Ele diz que a sociedade disciplinar se situa num período que vai do século XVIII até a Segunda Grande Guerra Mundial, sendo que a partir de então, meados do século XX, há ascensão da chamada sociedade de controle. Ao seguir as análises de Foucault, Deleuze percebe no enclausuramento a operação fundamental da sociedade disciplinar, com sua repartição do espaço em meios fechados (escolas, prisões, hospitais, etc).

Deleuze defende que as configurações institucionais que caracterizavam as sociedades disciplinares – a família, a escola, a fábrica, o hospital etc. –, bem como seus procedimentos funcionais rígidos, estariam passando por uma crise generalizada, dando lugar às chamadas sociedades de controle. Não mais a lógica do confinamento, que forjava moldagens fixas, antes sim modulações flexíveis, redes líquidas, moventes: “O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo”. (Deleuze, 1990)

O autor sugere ainda que as sociedades disciplinares possuem dois pólos, “a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*”. Nas sociedades de controle, “o essencial não seria mais a assinatura nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha* (...) A linguagem digital do controle é feita de cifras, que marcam o acesso ou a recusa a uma informação” (Deleuze, 1990).

Interessante analisar que na obra 1984, Orwell faz menção dizendo: “No interior do apartamento, uma voz agradável lia alto uma relação de cifras que de alguma forma dizia respeito à produção de ferro-gusa” (pág., 12). Dentro desse conceito de Deleuze, encaixa-se perfeitamente ao que encontramos na obra, pois essa linguagem era utilizada para então embutir determinadas informações naqueles que ali viviam.

ANÁLISES E DISCUSSÕES: O diálogo entre a obra literária e suas diversas interpretações

O filósofo da linguagem, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), na década de vinte do último século, lançou a ideia de polifonia, empregando o conceito na análise da ficção dostoiévskiana e sugerindo que a mesma colocava em jogo uma multiplicidade de vozes ideologicamente distintas, as quais resistiam ao discurso autoral. Bakhtin estendeu o conceito a todo gênero romance, no qual, para o filósofo da linguagem, ora se orquestram, ora se digladiam linguagens sociais que se impõem ao autor do romance como expressão da diversidade social que este quer representar na sua escrita. Para Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos.

Schnaiderman(2005, p. 15) diz que a lição de Bakhtin sobre a importância da multiplicidade de vozes em nosso mundo foi uma lição de afirmação democrática e antiautoritária, partida de alguém que era vítima da violência stalinista. Essa afirmação faz com que ao analisar obras que foram escritas em períodos de regimes totalitaristas seja a real expressão dessa realidade. A análise da obra 1984 do Autor George Orwell é um exemplo disso, pois o autor usa um personagem que em seu íntimo se rebelou contra a sociedade totalitária na qual vivia e em buscar de liberdade corre riscos diversos.

De acordo com Bakhtin(1999, p. 131-132), para compreendermos a enunciação de outrem, devemos orientar-nos em direção a ela e encontrar o lugar adequado dela no contexto correspondente.

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (Bakhtin,1999, p.132).

Só podemos compreender enunciados quando reagimos às palavras que despertam em nós ressonâncias ideológicas e/ou concernentes à nossa vida. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que determina essa refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica [...]” (Bakhtin,1999, p. 46). Essa percepção de Bakhtin é muito real na vida do ser humano, pois na maioria das vezes, quando se depara com alguma expressão que vai de ou ao encontro da realidade em que se vive, passa a ser objeto de



13º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

19, 20, 21 E 22 DE OUTUBRO DE 2015



estudo, análise e reflexão. Assim, pode-se ver que o Orwell instiga ao leitor, fazendo com que cada um em sua individualidade ao ler a obra, possa refletir sobre a interpretação que mais é presente em sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas primeiras análises, vemos que Bakhtin é então o primeiro pensador contemporâneo a tratar e analisar a linguagem sem a necessidade de divorciá-la da materialidade da vida social.

Isso é possível de concluir, pois a publicação da obra de Orwell foi em 1949, e ao intitular o livro com uma data futura, já faz com que uma ideia seja previamente criada e com o passar do tempo, percebe-se que aquilo que ali de forma fictícia foi projetada, de fato aconteceu dentro de algumas peculiaridades.

Hoje, ao ler a obra, cada leitor pode extrair uma interpretação daquilo que está expresso no livro, podendo adotar uma ideia de referencial apenas histórico, quando temos como realidade a questão dos regimes totalitaristas, como, por exemplo, o Fascismo, Nazismo e Stalinismo, que são os mais conhecidos e que mais repercutiram na história.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Pourparlers**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo, Companhia das letras, 23ª impressão, 2015.